ALGUNS SENTIAM PENA DE MIM, e outros eram bondosos o suficiente para me ignorar.

Isso se aplicava a todas as excursões que fiz no ensino fundamental. Eu sempre andava sozinha, e quando chegava a hora do almoço, comia meu sanduíche sozinha também. Alguns professores sentiam pena de mim e se ofereciam para me acompanhar, enquanto outros não pareciam se importar. E, como eu havia escolhido a solidão por vontade própria, naturalmente, eu preferia os últimos. Não tinha dificuldade em recusar ofertas semelhantes dos meus colegas, mas quando se tratava de figuras de autoridade, eu não conseguia realmente dizer não. Assim, acabava inevitavelmente almoçando com eles, mastigando no modo automático até minha mandíbula doer, incapaz de sentir o gosto de qualquer coisa.

Eu estava bem sozinha. Simplesmente não me importava o suficiente com os outros para me esforçar em entender suas emoções. E se eu não iria oferecer o nível adequado de respeito pelos outros, então era melhor não tentar fazer nenhuma conexão. Afinal, eu não queria que ninguém se machucasse. Era mais fácil seguir pela vida sem causar problemas.

Dito isso, houve uma vez, na quinta série, em que eu deliberadamente me esforcei para tentar fazer amigos. Fui influenciada por toda aquela informação bombardeando minha mente na época: *Amigos são nossos maiores bens. A amizade é bela. Blá, blá, blá.* Então, fiz o melhor para sorrir, fazer perguntas sobre a outra pessoa e tudo mais. Aprendi, também, a identificar outras crianças que eram ruins em interações sociais e, se eu focasse nelas especificamente, fazer amizade com elas não era difícil.

Mas essas amizades forçadas pesavam em mim, suprimindo minhas emoções, apagando todas as minhas imperfeições. Sempre que uma delas falava comigo, eu precisava elaborar uma resposta adequada e manter a conversa fluindo. Nada disso era genuíno; eu apenas repetia o que ouvia outras pessoas dizendo.

A cada vez que eu repetia esse processo, sentia-me mais inquieta. E, a cada novo amigo que eu conquistava, mais eu me prendia, fechando todas as saídas.

Mas então, um dia, joguei tudo no lixo e me afastei deles... e foi nesse momento que percebi o quão *libertador* aquilo era. Bastou uma única lufada de ar fresco para finalmente perceber que eu estava destinada a viver minha vida sozinha.

***

Lá estava eu, sentada no segundo andar da academia mais uma vez. Mas, diferente do outono passado, quando o lugar parecia um forno, desta vez o calor era ameno. E, além disso, Shimamura não estava ali.

Eu me sentava com os joelhos encostados no queixo, olhando pela janela, com uma leve esperança de que o sol da primavera aquecesse o chão gelado junto com as paredes brancas. Meu corpo parecia pesado, e, por mais que o tempo

passasse, aquele peso se recusava a se dissipar. Mesmo ao fechar os olhos, eu ainda conseguia senti-lo ali.

Soltei um suspiro pela enésima vez. Nesse ponto, meio que me arrependia de ter passado de ano. Nossas vidas haviam mudado e, num piscar de olhos, Shimamura estava cercada por novas pessoas. Elas ergueram uma barreira ao redor dela, como um campo de força protetor. Mas eu era a única que via a barreira pelo que realmente era; Shimamura *acolheu* aquela barreira.

Resumindo: agora que éramos do segundo ano, Shimamura estava florescendo, e eu... não.

Shimamura não era como eu — ela nunca chegava a um ponto morto nas amizades com outras pessoas. Honestamente, provavelmente foi pura coincidência que ela tenha subido até o segundo andar quando éramos calouras. Algo deve tê-la empurrado para lá, e ela simplesmente foi com o fluxo. Eu havia matado aula para ficar sozinha, mas Shimamura matou aula por tédio. Nossos motivos não eram os mesmos.

A vida não era composta por capítulos organizados; a felicidade era breve e fugaz, perdida na passagem constante do tempo. E a alegria que eu sentira ao ser designada para a mesma turma que Shimamura começava a se dispersar como pétalas de sakura ao vento.

Eu tinha me acomodado. Quando ela me chamava pelo primeiro nome, eu sabia que era apenas uma brincadeira, mas deixei isso subir à cabeça. Convenci-me de que nosso laço era forte como uma corrente de ferro... e foi aí que ele começou a enferrujar.

Enquanto lembrava do jeito que Shimamura tinha agido na aula, abaixei a cabeça até minha testa encostar nos joelhos. Ela tinha sorrido para aquelas pessoas — um sorriso educado e vagamente amigável, provavelmente reservado para qualquer um que ela não conhecesse bem. Eu sabia disso, mas o problema era... eu não conseguia distinguir esse sorriso do que ela sempre direcionava a *mim*.

Eu estava tão irracionalmente frustrada, tanto com Shimamura *quanto* com as garotas para quem ela sorria, que me dava vontade de arrancar meu próprio rosto. Me sentia tão mesquinha por me sentir traída por algo assim. Meu coração doía de desespero, e eu queria chorar. Eu realmente pensei que tínhamos construído algo juntas... mas, seja lá o que eu tinha com Shimamura, não era especial ou mágico. Não era forte o suficiente para nos sustentar. Ao invés disso, desmoronou mais rápido do que um castelo de areia.

E ainda assim, ao escolher vir para cá, era evidente que eu esperava que Shimamura me provasse o contrário.

Endireitei um pouco as costas, depois me curvei de novo, enquanto debatia se deveria dar uma espiada no andar de baixo. Eventualmente, decidi dar uma olhada rápida e avistei Shimamura lá embaixo. Pelo jeito, decidiram fazer a aula de educação física dentro do ginásio hoje, provavelmente por causa da chuva. Eu conseguia ouvir as bolas de basquete batendo no chão. Será que Shimamura estava arremessando uma bola agora? Será que ela notou minha ausência na aula de manhã? Será que ela estava pensando em mim? Ou suspeitando que eu poderia estar aqui em cima?

Pensei em espioná-la, mas, se por acaso ela olhasse para cima e me visse, eu não saberia o que fazer. Então, optei por jogar pelo seguro e esperar. Eu ouvia a chuva martelando contra a parede atrás de mim.

Foi quando ouvi passos e levantei o olhar. Alguém estava subindo as escadas. Não consegui evitar sorrir como uma idiota enquanto esperava para ver quem era. Por algum motivo, nem me passou pela cabeça que poderia ser um professor vindo me dar bronca. Meu coração estava cheio de luz.

Mas, antes de perceber, aquela luz acabaria me ferindo os olhos.

Não era a Shimamura. Era uma garota que eu não conhecia. Ao notar minha presença, ela reagiu de forma meio desajeitada, mas passou direto por mim, indo para o canto. Lá, ela se sentou com as pernas estendidas e cruzadas e tirou um pequeno livro de bolso. Seu cabelo era uma massa escura e longa, cobrindo seu rosto ovalado e comprido. Perdi o interesse rapidamente e soltei um suspiro.

Mais uma vez, eu havia perdido meu lugar.

Se eu não pudesse estar com Shimamura, preferia estar sozinha — essa era toda a motivação para eu vir aqui. Desapontada, decidi fazer minha retirada. Peguei minha mochila, coloquei-a no ombro e comecei a descer as escadas.

Enquanto pensava para onde ir a seguir, ouvi passos vindo de cima.

"Ei, espera! Você aí!"

A outra garota tinha me seguido. Agarrada ao corrimão, ela se inclinou para me olhar lá de cima. Olhei para ela, silenciosa, mas com curiosidade. Ela sorriu.

"Desculpa por roubar seu lugar."

"...Tudo bem."

Tentei ao máximo não soar rude, caso ela fosse uma aluna mais velha. Inclinei ligeiramente a cabeça e saí rapidamente do ginásio, antes que alguém da minha

turma me visse... e antes que eu precisasse ver Shimamura se divertindo com pessoas que não eram eu.

Do lado de fora do ginásio, não havia professores — apenas o som suave da chuva. Enquanto tentava me manter seca, percebi que estava me afastando cada vez mais do prédio da escola. Senti o peso da mochila no ombro e decidi que seria esforço demais voltar... então não segui em frente.

Não é como se eu tivesse deixado algo para trás.

***

Enquanto pedalava pela rua, olhei ao redor, apreciando a paisagem e me perguntando: *Para onde estou indo?*

Saí da escola no modo automático, na direção exatamente oposta à minha casa. Percebi tardiamente que não queria correr o risco de encontrar minha mãe em casa, já que ela provavelmente me daria uma bronca. Mas andar de bicicleta pela cidade não fazia o tempo passar mais rápido; eu estava plenamente ciente de cada segundo agonizante que se arrastava. O calor vago da primavera misturado à chuva criava um estado de torpor que lentamente me envolvia.

Passei pela autoescola e atravessei o estacionamento da loja de roupas masculinas até chegar ao mesmo shopping que havia visitado com Shimamura algumas vezes no passado. Não tinha outro lugar para ir, então talvez isso funcionasse bem para mim. Estacionei minha bicicleta e corri para dentro, longe da chuva.

O interior havia sido reformado em algum momento do ano passado para adicionar novas lojas. Enquanto caminhava, o cheiro no ar mudou para algo doce. Alguém uma vez me contou que os shoppings em outros países têm todos o mesmo cheiro. Então, ao passar pela loja de eletrônicos, percebi o aroma de xarope de bordo.

Se Shimamura estivesse aqui comigo, quais lojas ela gostaria de visitar? Contemplei essa questão enquanto andava. Não tínhamos nenhum plano de vir aqui juntas, e ainda assim não consegui evitar de pensar nisso. Para ser honesta, eu ainda não tinha uma noção firme dos gostos e desgostos dela. Como eu poderia fazê-la se divertir de forma despreocupada? Ela não tinha hobbies — ela literalmente disse isso na minha frente — então era meio impossível. Não havia uma loja de bumerangues aqui.

Eu queria saber *tudo* sobre a Shimamura... bem, a menos que ela secretamente me odiasse ou algo do tipo, nesse caso, eu não queria saber. Mas se eu *soubesse* disso, talvez pudesse descobrir uma maneira de mudar a opinião dela, então

talvez eu realmente quisesse saber. Então sim, eu queria saber tudo sobre a Shimamura. *Tudo.*

Mas agora éramos do segundo ano, e eu mal ouvi sua voz. Tudo bem, tecnicamente eu tinha ouvido sua voz muitas vezes. Mas era ao fundo, não direcionada a mim. Claro, eu poderia simplesmente ligar para ela no meu celular, mas esse não era o problema. *Então, o que eu realmente FAÇO sobre isso? O que é que eu quero mudar?*

Eu queria… estar com a Shimamura. Eu queria ouvir sua voz. Eu queria sua atenção. Essa era a verdade honesta de como eu me sentia, e eu não estava tentando ignorar isso. Mas havia uma coisa que eu podia afirmar com certeza: não ia consertar nada vagando pelo shopping na tarde de um dia de semana. Então, o que eu estava fazendo aqui?

Havia vinte e quatro horas miseráveis em um dia, e eu não tinha passado uma única delas fazendo algo produtivo. Eu poderia resumir os eventos do dia inteiro em uma única respiração. Como cada dia conseguia ser longo e curto ao mesmo tempo?

Parecia que eu estava vivendo em monocromático. Tudo era tão sem vida sem a Shimamura. *Meu Deus, eu sou uma pessoa tão entediante.*

Enquanto eu caminhava pela extremidade do shopping, percebi os sons de conversas — conversas de animais, para ser mais específico. Olhei ao redor e rapidamente avistei o que parecia ser uma nova loja de animais de estimação, com não apenas filhotes e gatinhos, mas peixes e… até ovelhas? Pelo menos, de acordo com a placa do lado de fora.

“Isso pode funcionar.”

Talvez houvesse uma chance da Shimamura se interessar por esse tipo de loja.

Enquanto examinava melhor, notei uma outra adolescente parada em frente, observando a loja, quase como se ela também estivesse avaliando o lugar. Brincando com uma de suas longas e soltas mechas de cabelo, ela olhava pela porta aberta. Ela era um pouco mais alta do que eu e irradiava uma aura de maturidade que sugeria que era mais velha também. Então, ao perceber que eu estava olhando, ela me lançou um olhar e começou a se afastar — mas aparentemente tão assustada que bateu sua mochila bem na minha.

“Desculpe!”

O impacto fez algo se soltar, e caiu no chão. Eu avistei e parei abruptamente para pegar. Era um chaveiro de ursinho. Mas a dona parecia não perceber que o havia deixado cair; ela continuou caminhando. Conflitada, debati o que fazer a

respeito, mas acabei decidindo que seria realmente uma sacanagem deixá-la sair sem seu ursinho… então decidi correr atrás dela.

“Ei, um momento,” chamei timidamente.

Ela se virou, suas franjas esvoaçando com o movimento.

“Você deixou isso cair.” Estendi o chaveiro de ursinho.

Ela o pegou e olhou para ele. “Oh, obrigada.” Então fez uma pausa. “*Oh!* Oh meu Deus! Muito obrigada!”

Aparentemente, significava muito para ela, e, nesse caso, fiquei feliz por ter encontrado coragem para devolvê-lo à sua dona. Mas se ela estava no shopping numa tarde de semana, então provavelmente era uma delinquente… Não que eu tivesse o direito de julgá-la, é claro.

“Eu devia ter brincado com ele demais... Ugh, preciso ser mais cuidadosa... Sério...”

E assim ela seguiu em frente, acariciando o ursinho. Ela era na verdade mais amigável do que eu esperava com base na aparência. *Imagino que ela realmente ame aquela coisinha.* Nunca me interessei por chaveiros, então não tinha nenhum, mas… talvez se eu e a Shimamura tivéssemos iguais…

“Isso soa legal…”

Especificamente a parte em que ninguém mais estava envolvido. Essa parte era crucial. Mandatória, até. Muito importante. Porque outras pessoas *adoravam* se intrometer no meu tempo com a Shimamura.

Como já estava em frente à loja de animais de estimação, decidi dar uma olhada dentro. A entrada que escolhi aparentemente levava para os fundos da loja, porque a primeira coisa que encontrei foi a seção de aquários. O ar aqui estava desconfortavelmente úmido; olhei ao redor, então passei para a próxima sala, onde encontrei… a seção de insetos e répteis. Decidi dar uma olhada rápida e seguir em frente.

A próxima sala era mais estreita e, de longe, a mais barulhenta — a seção de pássaros. Um papagaio batia suas asas contra os limites de sua jaula apertada, usando o bico para lutar bravamente com a fechadura da porta. Era tão agressivo que eu estava com medo de que realmente conseguisse abri-la. Passei os minutos seguintes assistindo com a respiração suspensa; então, saí da seção de aves e fui para a frente da loja.

Ali, filhotes e gatinhos estavam relegados a suas próprias caixas de vidro, com camas separadas para cada um deles dormirem, cercados por paredes brancas

desconfortavelmente limpas. Com certeza, esse não era jeito de um animal viver.

Então, ao passar, um dos filhotes acordou e correu até mim. Assustada, recuei levemente. Em pé sobre as patas traseiras, com as patas da frente apoiadas no vidro, abanava o rabo para mim, com a língua para fora. Quase como se estivesse treinado para isso, para tocar em meus sentimentos… e estava *funcionando*. Senti lágrimas começando a se formar nos cantos dos meus olhos.

Não senti tristeza ao olhar para os pássaros em suas gaiolas ou para os peixes em seus aquários, mas essas caixas de vidro provocaram uma resposta emocional em mim. Por quê? Ao olhar para o pequeno filhote branco, percebi: porque parecia como olhar no espelho.

Eu também era um filhote em exibição. Pior ainda, basicamente me coloquei na caixa de vidro de propósito. Mas, em vez de tentar agir de forma fofa, apenas fiquei ali sentada.

Agora que me vi diante de um espelho perfeito da minha própria imagem, isso me abalou até o fundo da alma. A raiz da minha tristeza era autopiedade.

“…Deixa pra lá. Esse lugar é uma droga.”

E assim, decidi não trazer Shimamura aqui. Limpando os olhos úmidos antes que as lágrimas caíssem, apressei-me para longe do espelho metafórico na direção da saída mais próxima.

Assim que saí, meu plano era contornar o perímetro até a área de estacionamento de bicicletas. Mas, enquanto caminhava, avistei algum tipo de atração montada contra a parede perto de uma entrada diferente do shopping.

Uma mulher estava sentada em uma longa mesa decorada com uma faixa que dizia: "*Obtenha Conselhos Sobre Amor, Dinheiro, Casamento e Mais!*" Ela parecia estar na casa dos vinte e poucos anos, embora seu rosto estivesse escondido por um véu roxo. A estética clássica de uma "cartomante misteriosa". Sua pele era tão pálida quanto gesso, fazendo com que suas bochechas carmesins se destacassem. Mas, com a sua aparente falta de maquiagem, ela me pareceu um tanto despreparada. Seu estande era de primeira, mas ela parecia uma total amadora.

"Bem-vinda, bem-vinda! Sente-se," ela chamou, gesticulando para a cadeira à sua frente, mesmo sem que tivéssemos feito contato visual. Tentei fingir que ela não estava falando comigo, mas antes que eu pudesse passar, ela continuou: "Você pode levar suas preocupações para casa, mas seu amanhã será tão feio quanto hoje."

No mesmo momento, parei abruptamente.

Então ouvi ela bater na mesa. "Venha, venha."

Virei-me para olhar para a cartomante, sem sorrir. Em contraste com sua voz cantada, sua expressão era séria e sem emoção.

"Apresse-se," ela insistiu, acenando para mim.

A faixa se moveu ligeiramente. Meus olhos se fixaram na primeira parte: "*Obtenha Conselhos Sobre o Amor*." Não que meus "problemas" fossem *relacionados ao amor*. Bem, não realmente. Eu tinha certeza de que era algo diferente. Mas quanto mais eu pensava nisso, mais arriscava deixar minhas bochechas pegarem fogo em público, então fui até lá timidamente.

Admito que parte de mim estava preocupada que isso fosse uma fraude. Mas o fato é que eu estava em um estado de espírito vulnerável.

Antes de me sentar, dei mais uma olhada na cartomante. Sua expressão continuava gravemente séria. Pelo menos, ela parecia mais confiável do que a maluca balançando o cabelo naquele programa de TV sobre horóscopos.

"Você é uma cartomante de verdade?" perguntei, comparando a pessoa na minha frente com seu setup relativamente profissional.

"Sim, suponho que sim. Uma xamã do destino, se preferir."

"...Certo..."

Nunca tinha ouvido esse título na minha vida, e parecia que ela o tinha acabado de inventar. Além disso, ao olhar mais de perto, percebi que sua bola de cristal tinha uma rachadura.

“Eu posso adivinhar qualquer coisa. Por exemplo… deixa eu ver… posso te dizer de onde vêm essas lágrimas,” ela declarou, apontando para os meus olhos.

Endireitei-me imediatamente.

Ao dizer isso, ela agarrou sua bola de cristal, colocou-a na palma da mão e me olhou através dela. “Sim, consigo enxergar… você está apaixonada.”

Novamente, eu encolhi, me retraindo levemente. Isso, eu acreditava, foi a minha ruína.

“Você é tão fácil de ler. Que tonta — quer dizer, que doce! Ahem!”

Ela começou a tossir falsamente, mas eu estava tão envergonhada que não me importei. Ela ainda nem tinha olhado para a minha palma… então como ela

poderia saber? Bem, não que eu estivesse *apaixonada pela Shimamura* ou algo assim. Isso seria simplesmente esquisito.

“Heh.” Com uma risadinha tímida, a xamã do destino estendeu gentilmente a mão, com a palma para cima. “Mil ienes.”

“O quê?”

“Normalmente isso custaria pelo menos três mil, mas vocês adolescentes são muito baratos — quer dizer — vou te oferecer um desconto para estudantes.”

Sua expressão era firme, e, no entanto, seus lábios estavam soltos o suficiente para fazer comentários desnecessários.

“Eu preciso pagar mil ienes por isso?”

“Francamente, você está fazendo um verdadeiro negócio.”

Ela estendeu a mão mais uma vez. Mas a palavra “negócio” só me deixou *mais* desconfiada. Não que eu esperasse que ela fizesse o trabalho dela de graça ou algo assim, mas eu questionava, por instinto, o valor de qualquer coisa com preço acima de 500 ienes. Talvez fosse apenas da natureza humana.

Dito isso, eu já estava sentada ali, e tinha a impressão de que essa mulher não estava disposta a me deixar ir embora. Os dedos dela se moviam impacientemente. Então, eu peguei minha carteira e, ao retirar uma nota de mil ienes, meu cérebro fez a conversão do custo para o meu trabalho: duas promoções de almoço. Ao colocar a nota na palma dela, ela a agarrou como um aspirador e a escondeu no bolso.

“Obrigada.”

Evidentemente, ela cuidava melhor do próprio dinheiro do que de seu equipamento. Isso não era muito tranquilizador.

Primeiro o programa de horóscopo, e agora isso. Eu realmente estou atraída por essas coisas? Preciso me certificar de que não vou ser enganada e acabar desperdiçando meu dinheiro. Mas, ao mesmo tempo, parecia que provavelmente era tarde demais.

Depois disso, a xamã do destino pareceu se cansar de segurar a bola de cristal, então ela a colocou de volta e me analisou diretamente. Eu podia praticamente *sentir* seu olhar percorrendo cada centímetro do meu corpo… do meu uniforme… De repente, fui tomada por um profundo arrependimento. Eu queria nada mais do que sair dali e voltar para casa. Então decidi que contaria até cinco e, se ela ainda estivesse me encarando, eu pegaria minha bolsa e correria.

Mas a xamã do destino parecia ler minha mente. “Eu tenho uma pergunta sobre essa pessoa: o cabelo dela é mais longo que o seu?”

“Que pessoa?”

“Sua amada.”

A palavra *amada* me fez pensar em Shimamura, e *isso* me fez corar furiosamente.

Amada lembrava amor. Era o tipo de coisa que eu nunca conseguiria dizer em voz alta, mas pelo menos parecia mais preciso do que tentar dizer que eu estava *apaixonada* por ela.

Então, qual de nós tinha o cabelo mais longo? Honestamente, eu nunca tinha pensado em comparar meu cabelo com o da Shimamura. Pensei em todas as minhas memórias mais recentes dela. Normalmente, eu a via de lado, em vez de frente, o que era deprimente. Pelo que me lembrava, ela não tinha me lançado nem um olhar ultimamente. E das vezes que ela *olhava* para mim, geralmente tinha um sorriso meio constrangido no rosto...

“Oh ho. Está tão ruim assim, hmm?”

“...O quê?”

Mais uma vez, eu não tinha dito uma palavra, e ainda assim ela já estava sorrindo.

“Se você nem consegue responder a essa pergunta, então eu já tenho todas as informações que preciso.”

“...Você tem?”

Eu não podia acreditar. *Oh Deus, e se ela estivesse lendo minha mente?* Em um minuto, todo o sangue tinha sumido do meu rosto, e no minuto seguinte, eu estava corando de novo.

“Eu vejo o que te falta. E o que te falta é *coragem*,” ela declarou no meio do meu pânico. “É tão claro quanto o nariz no seu rosto! Você está se escondendo porque tem medo do que os outros vão pensar.”

Ela estava completamente certa. Eu a encarei, atônita. Era realmente tão óbvio à primeira vista? Neste ponto, eu estava genuinamente preocupada que essa mulher pudesse ler mentes. Ela era uma cartomante, afinal.

Mas, por mais impressionante que fosse, algo parecia estranho.

“Eu vou te ensinar uma maneira fácil de ganhar a coragem que você precisa. Vá até ali e comece a gritar.”

“*O quê?!*”

Ela estava apontando para o interior do shopping, para um corredor a poucos passos de distância. É verdade que não era a área mais movimentada, mas também não estávamos exatamente sozinhas ali. Eu conseguia imaginar facilmente os olhares estranhos que eu receberia se começasse a gritar sem motivo algum.

Em dúvida, olhei para a cartomante, mas ela simplesmente pegou sua bola de cristal e sorriu calmamente. “Você pode escolher não ir, é claro, se essa for a sua preferência. Tudo o que você perderá são os mil ienes que pagou.”

Agora eu estava profundamente arrependida de ter pago antecipadamente.

“Se você quiser aproveitar seu investimento, então se apresse.”

Eu estremeci, e minha cadeira rangeu. Novamente, era como se ela tivesse lido minha mente.

De vez em quando, eu lembrava de um momento no ensino fundamental, quando trabalhei como assistente da biblioteca. Havia uma menina — não conseguia me lembrar do nome dela ou mesmo como ela era, mas ela me perguntou se eu tinha amigos. Na época, eu disse que não tinha e que estava bem com isso... mas, olhando para trás, não consegui deixar de me perguntar por que ela fez aquela pergunta. Será que ela ia me oferecer amizade?

Mesmo naquela época, minha resposta teria permanecido a mesma. Eu teria dito a ela que não precisava de amigos. Mas parte de mim se arrependia de como aquela interação se desenrolou. Parte de mim sentia que deveríamos ter conversado antes, como seres humanos de verdade, em vez de eu simplesmente a rejeitar de forma unilateral.

Com isso em mente, eu não queria acrescentar mais um item à minha lista de arrependimentos. Não podia continuar enterrando a cabeça na areia. Não, eu iria agir. E se acabasse me arrependendo *disso*, que assim fosse.

Assim que me levantei, minha visão escureceu, como se eu tivesse fechado os olhos.

“Levante os punhos e faça sua declaração. É a única maneira de gravá-la fundo em seu coração.”

Enquanto comecei a levantar os braços, percebi que essa mulher parecia menos uma vidente e mais uma coach motivacional.

“Eu… eu consigo fazer isso”, disse em voz baixa enquanto olhava ao redor das pessoas próximas.

Enquanto isso, a xamã do destino estava sentada à sua mesa e criticou minha tentativa, com o queixo apoiado na palma da mão. “Sua voz está muito baixa, sua declaração está muito vaga e você não está levantando os punhos. Qual é o problema?”

Se eu—

“Se você tivesse esse tipo de coragem, você não precisaria de conselhos, certo?”

Meus braços hesitaram enquanto ela lia minha mente.

“Heh.” Outro pequeno riso. “Pense nisso de outro modo: com coragem suficiente, você pode resolver qualquer problema. Agora, vamos ver você tentar novamente.”

As palavras dela me influenciaram. A seu pedido, eu me endireitei. “Vou… fazer o meu melhor!”

“Esse é o seu melhor? Não acho que seja. Tente de novo.”

“Ah, não! Uhhh…”

Levantei os braços, depois os retraí novamente. Não conseguia pensar em mais nada para gritar, então olhei para a xamã em busca de ajuda.

“Eu não vou fugir,” ela me advertiu.

Sem fugir. Sem desistir.

“…Eu não vou fugir.”

“O que foi isso?”

Eu… eu… eu não vou…

Eu não vou… fugir…

Três, dois, um—

“EU NÃO VOU FUGIR!”

Quando percebi, meus braços estavam no ar. Minha mente ficou em branco. Minha visão ficou branca. Ao meu lado, pude ouvir aplausos.

“Oh, isso é maravilhoso! Mais uma vez.”

“EU! NÃO! VOU! FUGIR!” eu gritei com todas as minhas forças.

Meus olhos pareciam estar prestes a explodir. Algo disparou da sola dos meus pés até meu crânio, e quando meus ouvidos pararam de zumbir, tudo o que

restava era uma leveza quase embriagante. Eu cambaleei de volta para a minha cadeira e me sentei.

“Maravilhoso,” repetiu a xamã do destino, com o queixo apoiado na mão. “Eu não pensei que você realmente faria isso.”

“Obrigada, eu acho...?”

“As pessoas não precisam *saber* o futuro. Elas só precisam *desejá-lo.*”

Do jeito que ela falava, parecia que havia deixado de lado a pretensão de adivinhação para se conectar comigo de forma mais direta. Pela primeira vez, suas palavras me pareceram sinceras. “Eu, hum...”

Mas, justo então, seu olhar se desviou para a direita. “Oh, olha só.”

Eu recuei com o que estava prestes a dizer e, em vez disso, segui seu olhar.

Alguém estava correndo em nossa direção... alguém vestindo um uniforme azul-marinho... Com atraso, percebi que era um segurança do shopping. Meus olhos se arregalaram e o sangue desapareceu do meu rosto. Por que um segurança do shopping estava correndo em nossa direção?!

“Parece que fizemos barulho demais.”

A xamã do destino estalou a língua em desaprovação. Sem perder um único momento, ela puxou sua faixa e usou-a para envolver tudo em sua mesa de uma vez só. Então, ela se levantou, derrubando sua cadeira. Ela estava se movendo tão rapidamente que meu cérebro não conseguia acompanhar.

Mais uma vez, ela soltou uma risadinha. “Bem, então, eu vou indo agora. Que seu futuro seja brilhante.” E com isso, ela jogou suas coisas sobre o ombro e saiu correndo como uma verdadeira classe. Algo me dizia que foi assim que sua bola de cristal quebrou.

O segurança do shopping me ignorou e foi atrás da xamã. Parte de mim se sentiu aliviada, mas o pânico ainda estava lá. Será que ela era algum tipo de adivinha fraudulenta não licenciada? Se sim, eu aparentemente era uma *péssima* juíza de caráter.

Por outro lado, ser não licenciada não a tornava necessariamente uma fraude, certo? Talvez fosse apenas a burocracia a segurando. Claro, ela olhou para o meu uniforme e presumiu que eu tinha fugido da escola, e o resto de suas observações eram rasas, na melhor das hipóteses, mas no final, seu conselho era legítimo.

Algo havia se enraizado silenciosamente dentro de mim, me convencendo de que os mil ienes que paguei valeram a pena. Tudo o que eu podia fazer agora era respirar fundo e esperar que isso florescesse.

***

No dia seguinte na escola, passei a manhã escondida no segundo andar do ginásio. Respirei fundo. Sem hobbies próprios, eu era um vazio, preenchido até a metade com pensamentos sobre a Shimamura. Sem ela, o que me restaria? Provavelmente eu só ficaria sentada, olhando para o nada, como estava fazendo agora.

Lá embaixo, no primeiro andar, eu podia ouvir muitas vozes. Aparentemente, os alunos do primeiro ano estavam tendo aula de educação física; eu sentia as vibrações dos passos deles pelo chão, e parecia que os sons preenchiam a sala até o teto.

Perdidamente, comecei a balançar a cabeça. Era um grande desperdício do meu tempo. A semente plantada em mim ontem ainda estava fumegando levemente.

Mas enquanto esticava o pescoço, de repente, avistei algo em uma mesa de pingue-pongue empoeirada — algo que não estava lá na última vez. E, neste ponto, eu estava entediada o suficiente para que essa pequena mudança despertasse meu interesse.

Cautelosamente, para evitar ser vista, arrastei-me até a mesa. Em um dos cantos da mesa estava um pequeno livro de bolso com um marcador saindo dele. Seria o mesmo que aquela garota estava lendo ontem? Estava colocado de maneira tão perfeita que parecia ter sido deixado ali intencionalmente… Talvez fosse a maneira dela de dizer “este espaço está reservado”.

Com um ar casual, peguei o livro e olhei para ele. Estava sem a capa, mas o título e o autor ainda estavam listados na contracapa. Aparentemente, era escrito por alguém chamado Kitsukawa Eiji; eu não era fã de livros, então não sabia quem era.

Folheei até a página onde o marcador estava colocado e comecei a ler. Obviamente, não esperava que fosse fazer sentido, já que estava começando de uma parte aleatória, mas um trecho em particular chamou minha atenção:

“Por que continuei fugindo, você pergunta? A resposta era simples: porque eu estava com medo. Dia após dia, eu tinha pavor de pensar que meu futuro iria me deixar para trás. Então, em vez de deixar as coisas mudarem sem mim, escolhi tomar a iniciativa eu mesma.”

Era um texto bastante abstrato, e eu não compreendia totalmente o que estava sendo dito. Não que eu esperasse que esse único trecho explicasse por si só as

motivações da personagem principal, é claro. Dito isso, as palavras “me deixar para trás” me deixaram tonta. Li o trecho repetidamente. Então coloquei o livro de volta onde o encontrei e me sentei no local.

Fiquei olhando para as luzes no teto como se estivesse observando a alma saindo do meu corpo. Esse autor aleatório, ninguém conhecido, havia escolhido de alguma forma a combinação exata de palavras necessárias para acender a semente dentro de mim.

Shimamura e eu compartilhávamos a mesma sala de aula, mas apenas ela estava atuando como uma aluna do segundo ano. Enquanto isso, eu estava presa no passado.

Minha mente girava. Meu *corpo* girava. Sentia como se meus olhos estivessem rodando em suas órbitas, e isso me assustava. Em momentos como esses, pensar em Shimamura era a única coisa que me ajudava a me manter no controle… pelo menos por fora. Por dentro, meu coração estava uma total bagunça.

No final das contas, era seguro dizer que Shimamura era toda a minha vida. Ela era a base de todas as minhas decisões. Então, já que Shimamura estava na minha mente, qual seria meu próximo passo?

Então, o sino tocou para sinalizar o fim da aula e o início do intervalo para o almoço. As garotas se aglomerariam em torno de Shimamura, e ela se sentaria na sala de aula e comeria seu almoço.

Eu belisquei meu bíceps, me forçando a parar de alimentar esperanças. *Ela não vai vir aqui em cima. Você sabe disso. Sabe com certeza que ela não vai, então desista logo.* Senti meu queixo relaxar por causa da distração, então apertei os lábios com força enquanto afastava meus devaneios.

Por quanto tempo eu iria perder meu tempo alimentando essa ilusão de que, se eu ficasse mal-humorada por tempo suficiente, Shimamura viria checar como eu estava? Algo me empurrou para frente, me alertando de que precisava agir antes que fosse tarde demais.

Tarde demais para quê?

Esse pensamento trouxe à tona o medo enterrado profundamente dentro de mim. E se Shimamura e eu realmente parássemos de ser amigas por causa disso? E se nossa amizade morresse porque eu fiquei sentada aqui em cima sem motivo?

Eu olhei, de olhos arregalados, sem piscar. Lágrimas mornas preenchiam minha visão enquanto meus olhos tentavam se lubrificar. Não havia emoção por trás

delas; se eu as enxugasse, nenhuma outra tomaria seu lugar. Essas lágrimas operavam independentemente da tristeza.

Ainda há tempo, algo sussurrou.

Mas o que eu poderia fazer? Eu poderia me juntar ao grupo das outras alunas ao redor da Shimamura? Objetivamente falando, provavelmente tornaria tudo muito constrangedor, se eu estivesse sendo completamente honesta comigo mesma. Mas, embora eu entendesse isso... ainda havia uma pequena chance de que eu pudesse me encaixar com elas. Talvez essa opção estivesse disponível para mim, e eu simplesmente não tivesse notado.

Mas se eu seguisse esse caminho, pararia de ser eu mesma.

Eu não era perfeita; não podia prever o futuro. Eu sabia disso. Então, que tipo de pessoa eu era? Do que eu tinha medo de perder?

Agora, eu estava vazia, mas estável. Apesar da impaciência estressante que sentia, lá no fundo, parte de mim estava confortável — contente em estar sozinha. Quando se tratava disso, eu tinha uma disposição natural para a solidão… mas isso não significava que era o que eu queria.

De certa forma, “fazer uma tentativa” era sempre a escolha certa em relação à alternativa, mas essa maneira de pensar tinha a tendência de deixar de lado o verdadeiro crescimento pessoal. Afinal, você poderia justificar qualquer esforço insignificante como “uma tentativa” e simplesmente desistir depois, levando a um declínio lento. Se eu quisesse me tornar uma pessoa melhor, então eu precisava fazer o impossível.

Eu me levantei e comecei a andar. Eu podia sentir minhas costas ameaçando se curvar, então me mantive ereta e olhei para frente.

Honestamente, foi estúpido da minha parte esperar algo dos outros. Bem, tudo bem, talvez isso fosse uma exagero. Mas não havia sentido em fazer com que outras pessoas resolvessem meus problemas por mim — era *minha* responsabilidade. Outras pessoas não podiam sentir minhas emoções; apenas eu podia localizar a dor. Assim, cabia a *mim* fazer algo a respeito.

Sem nenhum hobby próprio, eu era um vazio, preenchido até a metade com pensamentos sobre a Shimamura. Sem ela, *isso* era tudo que eu teria… então a solução era simples.

Enquanto descia as escadas apressadamente, pensei no que aconteceu ontem.

“Eu consigo, eu consigo, eu consigo…”

Meu coração tremeu enquanto eu me preparava para correr. Então joguei meus braços para o alto e gritei as palavras mágicas:

“EU NÃO VOU FUGIR!”

E imediatamente saí correndo do ginásio. Aparentemente, a cartomante teve uma influência sobre mim de mais de uma maneira.

Fui até a cantina da escola, comprei o que parecia apetitoso e me dirigi para a sala de aula. Lá estava ela, cercada de pessoas, sorrindo suavemente, olhando para alguém que não era eu, como em qualquer outro dia. Cada uma dessas coisas servia como um forte desencorajamento. Não havia espaço para mim ali.

Mas, no fim das contas, eu sempre poderia simplesmente fazer o meu próprio.

Desta vez, eu não deixei a presença de outras pessoas me impedir de chamá-la.

“Shimamura.”

E esse foi o momento em que eu realmente me tornei uma aluna do segundo ano.